

***A Terra Inteira e o Céu Infinito*, de Ruth Ozeki: A narrativa como
forma de produzir afinidades no Antropoceno**

**Ruth Ozeki's *A Tale for the Time Being*: Narrative as a way of
making kin in the Anthropocene**

***El Efecto del Aleteo de una Mariposa en Japón*, de Ruth Ozeki: La
narrativa como herramienta para producir afinidades en el
Antropoceno**

Melina Pereira Savi (UFSC)
melsavi@gmail.com

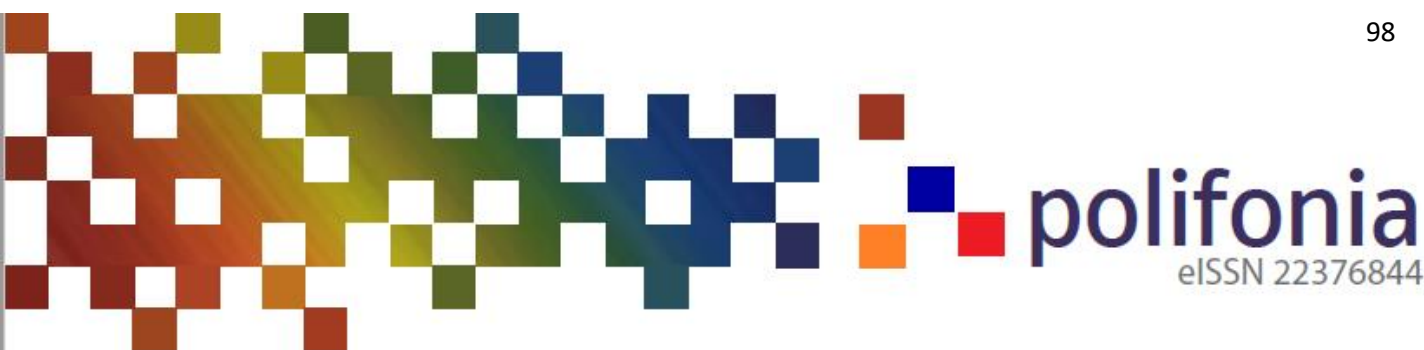
Resumo

O Antropoceno é um termo da geologia, mas já é frequentemente utilizado nas humanidades para descrever e desafiar a lógica do excepcionalismo humano, que pode ser compreendida como a ideia alienada de que o humano não está profundamente imbrincado no mundo não-humano que o cerca. Diante das mudanças climáticas (a face pública do Antropoceno), o impacto humano produz uma crise planetária que coloca em xeque a nossa forma de entender até mesmo a disciplina da história: ela deixa de focar apenas na trajetória humana (registrada) e passa a considerar o tempo profundo do planeta, antes dos humanos, para entender a dimensão do nosso impacto no presente e no futuro. Neste artigo, utilizo o livro *A Terra Inteira e o Céu Infinito*, de Ruth Ozeki, para ponderar como a narrativa contribui para encontrarmos formas de estar no mundo que vão na contramão da lógica do excepcionalismo humano e que compreendem como indispensável o processo de estabelecer afinidades com humanos(as) que não são da mesma família e com seres e coisas que nem humanas são. O conceito de “afinidade” é, entre outras coisas, uma forma de co-responsabilização pelas narrativas que juntos criamos e pelas normalizações que são feitas a partir dessas histórias sobre como interagir com outros: humanos, seres e “coisas” não-humanas das quais dependemos e que dependem de nós. Pensar em afinidades na literatura pode não resolver o problema, mas pode auxiliar no processo de normalizar formas de viver que têm o potencial de desacelerar a presente crise ambiental.

Palavras-chave: antropoceno, literatura de mudanças climáticas, Ruth Ozeki.

Abstract

The Anthropocene is a term from geology that is already established in the humanities to describe and defy the logic of human exceptionalism, which, in its turn, can be understood as the alienated idea that the human is not profoundly imbricated in the all-surrounding non-human world. Confronted with Climate Change (the “public face” of the Anthropocene, so to speak), anthropogenic impact is responsible for a planetary crisis that



challenges even history itself: it is no longer concerned only with (registered) human history but also with the deep time of the planet, before humans, in order to understand the dimension of human impact in the present and future times. In this paper, I use Ruth Ozeki's novel *A Tale for the Time Being*, to ponder how the narrative contributes to exploring ways of being in the world that refuse the logic of human exceptionalism and that understand as crucial the process of establishing kinship with those who are not from one's family and that are not even human in the first place. The concept of "kinship" is, among other things, a way of taking co-responsibility for the narratives that together we make and for the normalizations that are made from these stories about how to interact with others, be they humans, nonhumans, and things that we depend on and that depend on us. To ponder the issue of kinship in literature may not solve the problem, but it can aid in normalizing ways of living that have the potential to slow down the ongoing environmental crisis.

Keywords: anthropocene, climate change literature, Ruth Ozeki.

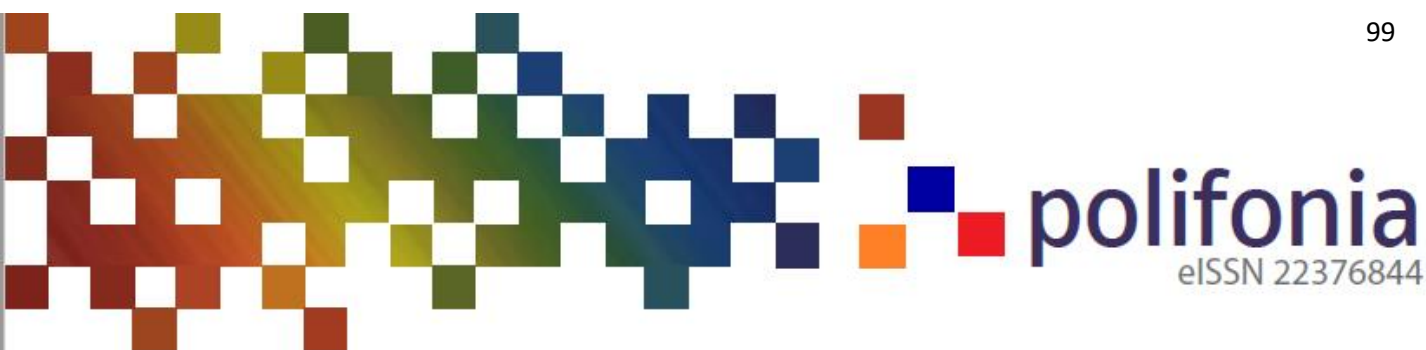
Resumen

El Antropoceno es un término de la geología, pero las humanidades lo utilizan a menudo para describir y desafiar la lógica del excepcionalismo humano, que se puede comprender como la idea alienada de que el humano no está profundamente conectado al mundo no-humano que lo rodea. Ante los cambios climáticos (la faz pública del Antropoceno), el impacto humano produce una crisis planetaria que pone en jaque nuestro modo de entender, incluso, la asignatura de historia: ella deja de poner el objetivo únicamente en la trayectoria humana (registrada) y pasa a considerar el tiempo profundo del planeta, antes de los humanos, para entender la dimensión de nuestro impacto tanto en el presente como en el futuro. En este artículo, *El efecto del aleteo de una mariposa en Japón*, de Ruth Ozeki, se tiene en cuenta cómo la narrativa contribuye para que podamos encontrar formas de estar en el mundo que van a contramano de la lógica del excepcionalismo humano y que comprenden como indispensable el proceso de establecer afinidades con humanos(as) que no integran la misma familia y con seres y cosas que ni se consideran humanas. El concepto de "afinidad" es, entre otras cosas, una manera de co-responsabilización por las narrativas que juntos creamos y por las normalizaciones que se hacen a partir de esas historias sobre como relacionarse con los demás: humanos, seres y "cosas" no-humanas de las que dependemos y que dependen de nosotros. En la literatura, pensar en afinidades puede que no resuelva el problema, pero puede contribuir para el proceso de normalizar las formas de vivir que presentan el potencial de disminuir la marcha de la presente crisis ambiental.

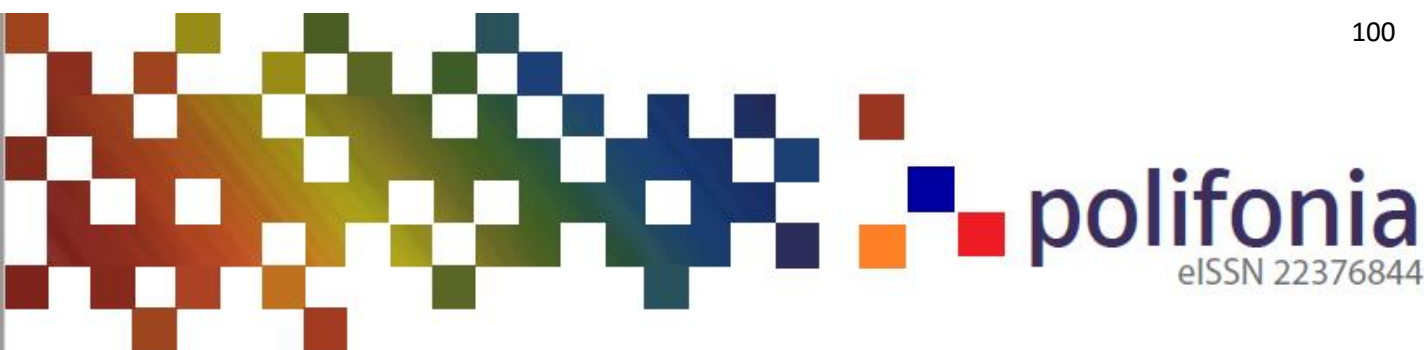
Palabras claves: antropoceno, la literatura sobre crisis ambiental, Ruth Ozeki.

1. *A Terra Inteira e o Céu Infinito* para pensar o Antropoceno

Em *A Terra Inteira e o Céu Infinito* (2014, originalmente publicado em inglês em 2013 sob o título *A Tale for the Time Being*), a escritora americana Ruth Ozeki mistura questões ambientais planetárias com narrativas pessoais e históricas de forma a entrelaçar aquilo que é individual e compartilhado como um eterno quebra-cabeça cujas peças vão se encaixando com o passar do tempo. O conceito de tempo, inclusive, é central à obra. "Nao",



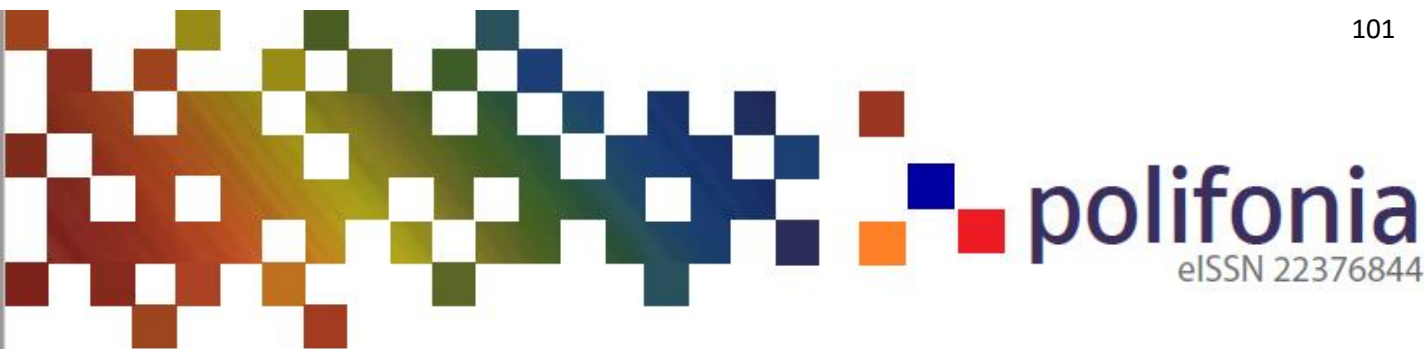
apelido para Naoko Yasutani, abre o livro se auto-intitulando um “ser-tempo”, uma ideia desenvolvida por Dōgen Zenji, mestre Budista que disseminou o Zen no Japão no século XIII, e o ser-tempo é explicado pela ideia de que “todas as criaturas que existem no mundo estão ligadas entre si como momentos no tempo, e ao mesmo tempo existem como momentos de tempo individuais.” (Dōgen, citado em OZEKI, 2014). O nome “Nao” em inglês soa como *now*, que quer dizer “agora”, no tempo presente, e Nao é uma das narradoras do livro que produz um diário que é lido por Ruth. A personagem Ruth, homônimo da autora, mora na ilha de Desolation Sound, na província de Whaletown, na costa Oeste do Canadá, com seu marido Oliver e o gato Schrödinger (carinhosamente chamado também de Peste e Pesto). Em uma de suas caminhadas pela praia, Ruth encontra uma sacola plástica que parece carregar algo pesado e acaba levando a embalagem para casa; isso faz parte da sua rotina: desfazer-se lixos plásticos que são trazidos pela maré. Já em casa, desinteressada pelo pacote, seu marido resolve inspecionar o material e descobre, dentro de camadas e camadas de plástico, uma lancheira da Hello Kitty. A lancheira, devido ao lacre de borracha, está com seu conteúdo intacto: um livro, um relógio e algumas cartas. O livro, que tem a capa do famoso *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, é no fim das contas um diário, o diário de Nao, e as cartas e o relógio pertencem ao seu tio, Haruki Yasutani no 1, que foi piloto camicase na Segunda Guerra pelo Japão. O casal chega à conclusão de que a lancheira deve ter sido trazida pelo Giro do Pacífico; ou melhor, deve ter escapado à orbita de destroços do tsunami que assolou o Japão em 2011 e foi parar na orla de Desolation Sound depois de uma breve temporada no Giro do Pacífico. A partir do encontro entre Ruth (que está no presente narrativo) e Nao (que no diário, escrito no “passado”, narra a sua vida no Japão e fala da experiência com a bisavó de cento e quatro anos, a monja zen budista Yasutani Jiko), as trajetórias se entrelaçam com o que é pessoal e histórico, visto que há um certo revisionismo histórico no que diz respeito a Segunda Guerra. O filho de Jiko, Haruki no 1, deixa uma série de cartas, que ele chama de “diário”: o formal (escrito em japonês “para constar oficialmente”, como ele explica) e o escondido (escrito em francês para que não fosse descoberto). Nao faz algumas considerações sobre o conceito de guerra no Japão e nos EUA. No Japão, quando se diz “guerra”, subentende-se que se trata da Segunda Guerra Mundial



porque esta foi a última enfrentada pelo país, e a nomenclatura é outra: A Grande Guerra da Ásia Oriental. Nos EUA, por outro lado, é preciso sempre definir a que guerra a pessoa se refere, já que, como diz Nao, “[o]s americanos vivem se metendo em guerras em todos os lugares, então você precisa ser mais específico quando fala desse assunto” (e-book). E, por vezes, o passado histórico e a dor da guerra são contrastados com o presente precário causado pelo conjunto dos efeitos das ações do ser humano na Terra, ideia que vem sendo representada pelo termo geológico “Antropoceno”. Em conversa com sua bisavó, Nao expõe a sua impotência, dizendo que sua dor e raiva residem em não poder consertar, entre outras coisas, “o terrorismo, a guerra, o aquecimento global ou a extinção das espécies” (e-book).

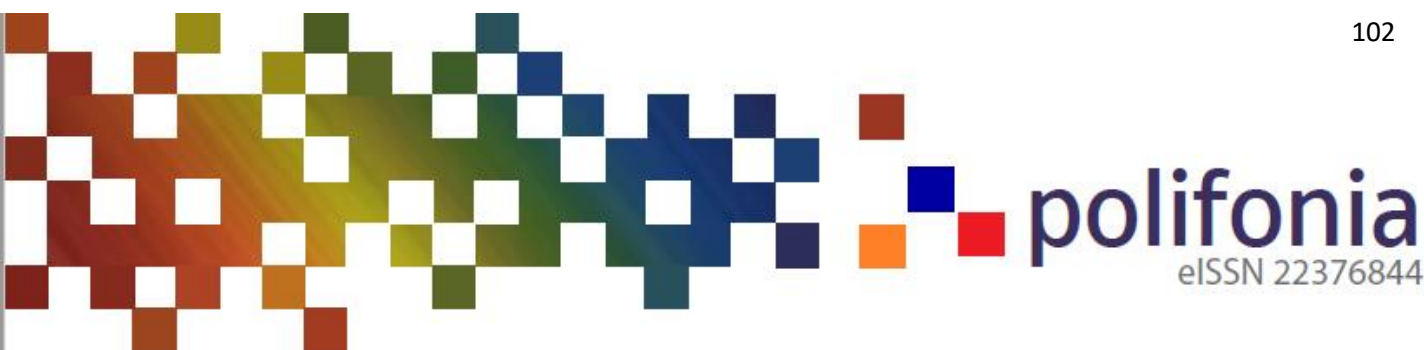
Nao e Ruth estabelecem uma relação de afinidade (“*to make kin*”, na terminologia de Donna Haraway, 2016) fora do tempo, já que Nao, por meio do diário, se comunica com Ruth como se fosse a leitora pretendida para o que ela ali expõe. Naoko, enquanto escreve o diário, tem 15 anos, mas quando Ruth o lê ela provavelmente já tem entre vinte e cinco e trinta anos. Em vez de se segurar à ideia de que seria impossível ser o público-alvo de Nao, Ruth se entrega à possibilidade de criar uma co-história com a adolescente japonesa no presente, constantemente investigando na internet dados sobre Nao e sua família, sobre o tsunami, sobre questões culturais do Japão contemporâneo e produzindo, para o leitor, 165 notas de rodapé que explicam desde expressões japonesas e observações do marido a teorias Budistas e de física e mecânica quântica. Além disso, a ficção tem 6 apêndices que trazem poemas, explicações sobre os ensinamentos de Dōgen, mecânica quântica, pesquisas sobre nomes de templos, uma breve introdução ao experimento de Schrödinger e termina com uma seção de referências bibliográficas. Em outras palavras, esta não é uma ficção “transparente”, onde a fronteira entre autora, personagens, fatos e ficção são bem delineados e o acordo da “suspensão da descrença”¹ é facilitado pela falta de interrupções da autora. Quando lemos Nao em seu diário, lemos na verdade Ruth lendo Nao, ou pelo menos é o que as notas de rodapé dão a entender, já que Ruth ou lê para si mesma ou para Oliver, que por vezes aparece numa nota de rodapé reagindo a comentários de Nao. As cartas de Haruki no 1 são lidas por

¹ Em inglês, “suspension of disbelief”, que se trata de aceitar o inverossímil.



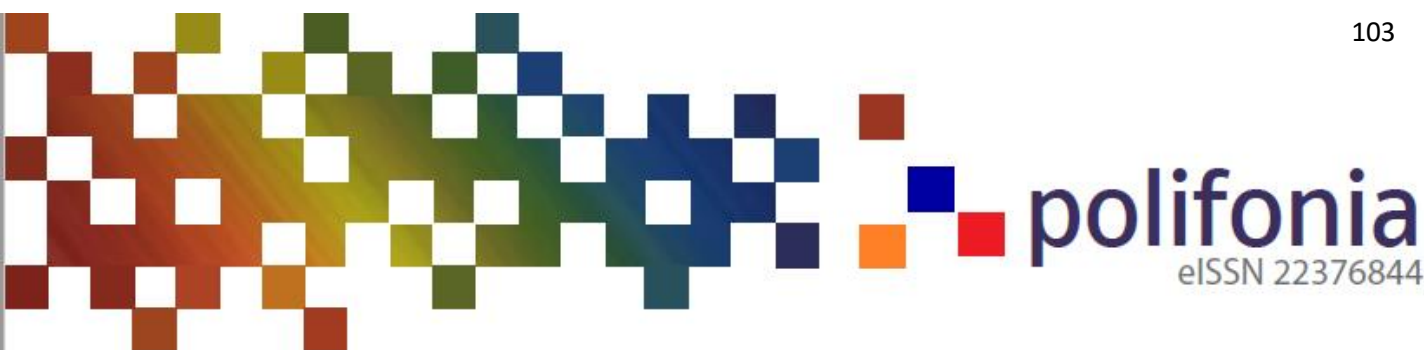
Ruth e depois por Nao e seu pai, Haruki no 2, e a maneira como elas chegam nas mãos de Nao é insólita: Ruth, durante um sonho, as coloca na caixa onde estão os “restos mortais” de Haruki no 1, ato que altera o final do diário, de onde as palavras chegam a sumir quando Ruth duvida da relação fora do tempo entre ela e Nao. Há, inclusive, um paralelismo entre as narrações: Ruth, a autora, cria uma narradora que é romancista, carrega o seu nome e cujo marido também se chama Oliver na vida real. Ruth, a personagem, lê Naoko, que conta de si e da biografia da bisavó, que na sua juventude escreveu uma autobiografia chamada “Eu-Eu”. E há ainda as cartas de Haruki no 1, onde ele discorre sobre seus dilemas morais diante da tarefa que lhe foi dada: “[n]o final, então, que tipo de escolha irá emergir em mim? Eu seguirei firme no curso planejado para o meu avião, sabendo que, no instante do contato, o meu corpo explodirá em chamas e matará muitos dos meus ditos inimigos, pessoas que jamais conheci e que não consigo odiar?”, ele pondera.

Nao passou a maior parte de sua vida nos Estados Unidos, onde o pai trabalhava como programador. Ele perdeu tudo quando a Bolha da Internet explodiu, teve que retornar para o Japão e passou a viver uma vida marcada pela depressão e pelas tentativas de suicídio. Ou pelo menos isso é o que Nao pensa que aconteceu. Na realidade, Haruki no 2 era acometido pelas mesmas graves questões morais que seu tio, Haruki no 1. Enquanto programador numa empresa americana de videogames, o pai de Nao desenvolvia interfaces de jogos em primeira pessoa onde o objetivo era matar o inimigo. Quando ficou sabendo que o exército americano havia comprado a interface e que ela seria utilizada em armamentos semiautônomos, Haruki no 2 tentou implantar na ferramenta uma consciência “que pudesse ajudar o usuário despertando o seu senso ético para distinguir entre certo e errado e instigando sua compulsão para fazer o certo”, como explica o psicólogo que tentou ajudar o pai de Nao a resolver seus dilemas éticos. Devido ao conflito do funcionário com os interesses da empresa, o pai de Nao foi demitido e passou a viver assombrado pelas consequências de seu design. Nao também contempla o suicídio e diz que pretende se “desligar do tempo” (e-book), ao que Ruth reage com honesta preocupação e cuidado, como se a narrativa do diário se desse no tempo presente, e ela não se permite acelerar a leitura por temer o fim. Ruth procura ler quase que na mesma velocidade com que a adolescente escreveu; com interrupções no tempo e com



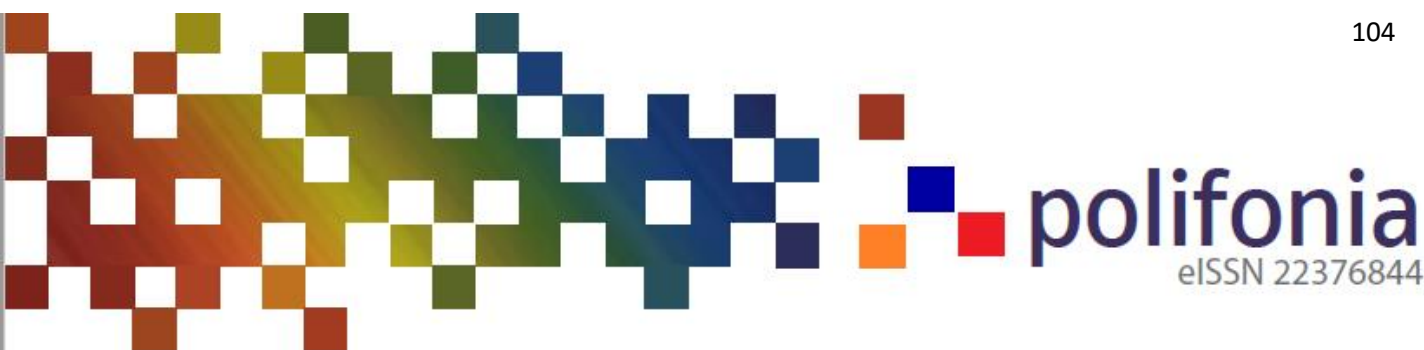
entrelaçamentos do seu próprio tempo com o tempo de Nao em forma de sonhos. A relação de afinidade que Ruth constrói não se restringe a Nao. Ruth, e também Oliver, estabelecem afinidades com outros humanos e também com não-humanos no decorrer da narrativa: com as árvores velhas e gigantescas de Whaletown, com o gato, com um corvo, com o tio e pai de Naoko, os Haruki nº1 e nº2; com a avó de Nao, e com as questões ambientais que assolam a consciência dela e do marido e se manifestam como plástico, lixo e CO₂. Nas ações das personagens, Ozeki explora o que é possível fazer, no âmbito do microativismo, a respeito das mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global, do nosso uso de plástico, da acidificação dos oceanos e de outros desdobramentos do que passamos a chamar de emergência planetária do Antropoceno. Neste artigo, o meu objetivo é brevemente examinar de que forma o processo de estabelecer afinidades com humanos e não-humanos pode servir para pensar no que Joana Zylinska (2014) chama de “ética mínima para o Antropoceno”, que se baseia no argumento de que as histórias que contamos ajudam a estabilizar valores éticos que podem ser úteis para o nosso momento de urgência para pensarmos em como fazer bom uso do tempo que nos resta como espécie, tanto com outras espécies quanto com corpos que chamamos de “coisas”, como o plástico, um diário ou uma árvore.

O romance *A Terra Inteira e o Céu Infinito* é uma obra que, por ter como tema a narração em si, já que é composta de muitas vozes que se alimentam das histórias alheias para dar sentido às suas próprias vidas, é uma ferramenta para pensar o convite de Zylinska. Ruth até mesmo identifica na prática de diário de Nao uma semelhança à prática de Scheherazade, que também contava histórias para adiar a própria morte, com a diferença de que Nao havia se autoimposto a morte, que é evitada no entrelaçamento de histórias: a dela, de Ruth, de sua avó, pai e tio. E, pensando em termos de finais de mundos pessoais, coletivos e interespecies no Antropoceno, que só são finais de mundo nesse sentido mesmo já que o mundo em si não vai acabar e sim o mundo como o conhecemos, o líder indígena brasileiro Ailton Krenak sugere que sua “provocação sobre adiar o fim do mundo” em *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* que trata, entre outras coisas, do Antropoceno, “é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK, 2019).



O Antropoceno, a nova época geológica que está em debate nas ciências geológicas, já é um termo corrente dentro das humanidades. Para os geólogos, o termo visa descrever uma transição entre a época do Holoceno e algo novo, o Antropoceno, cujo nome transmite precisamente “a época do homem”. O *Anthropocene Working Group* (AWP), liderado por Jan Zalasiewicz, é um dos grupos responsáveis por analisar os critérios que levam uma época a ser oficializada como tal. Para Zalasiewicz et al. (2015), o Antropoceno pode ser entendido como tendo início na chamada Grande Aceleração do século XX, marcada pela visível mudança na atividade humana na terra. Entre os diversos pontos utilizados como parâmetro para identificar a Grande Aceleração estão o avanço tecnológico, o uso expressivo de plástico e alumínio, o aumento populacional nos grandes centros urbanos e a notável presença de radionuclídeos em toda a atmosfera e nas rochas devido às detonações de bombas atômicas que, de fato, foram muitas. O momento preciso em que o Holoceno vira Antropoceno ainda não foi oficializado, mas o dia em que é testada a primeira bomba atômica, em 16 de julho de 1945, é uma das datas propostas pelo AWG. A partir dessa data, e até 1988, explodimos uma bomba a cada 9.6 dias (ZALASIEWICZ et al, 2015, p. 1), deixando a nossa marca na atmosfera e nas camadas de rochas sedimentares. Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, em Hiroshima e Nagasaki, respectivamente, foram detonadas as mais marcantes bombas desse intervalo entre 1945 e 1988, e é interessante pensar que o livro de Ozeki volta justamente a esse período da Segunda Guerra, e traz a perspectiva de um soldado que não foi à batalha para voltar como herói e sim para mergulhar seu avião em alvo inimigo.

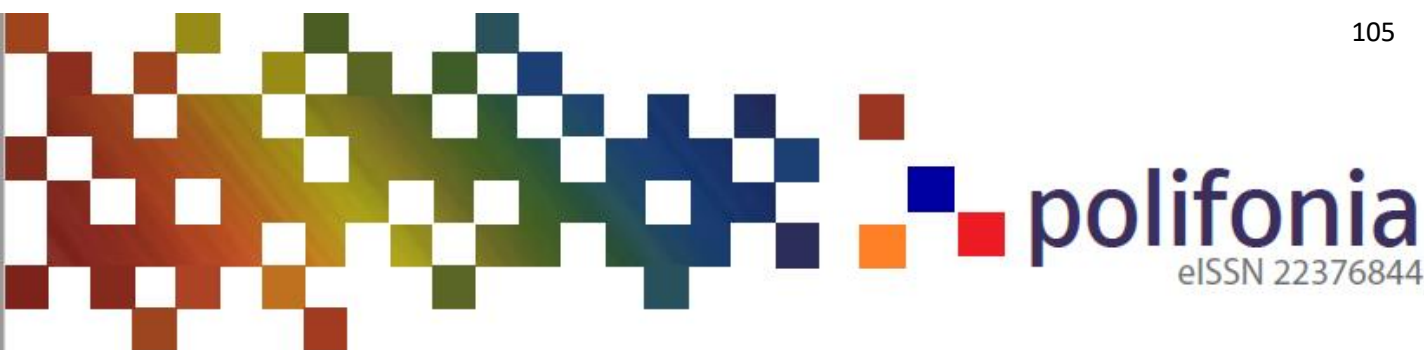
Nas humanidades, os debates e desdobramentos que emergem a partir da ideia do Antropoceno, de uma “época do homem”, são por vezes difíceis de mapear, por serem tão ricos e variados em enfoques e críticas. Um recorte se faz necessário, portanto, para usar uma obra literária e, a partir daí, explorar conexões com o Antropoceno (dentro das humanidades) e algumas de suas facetas. Uma das críticas mais contundentes ao Antropoceno envolve a nomenclatura em si. No livro *Anthropocene Feminisms*, de 2017, a maior parte dos artigos ali publicados desafiam a palavra “Antropoceno” como sendo problemática, entre eles o de Stacy Alaimo. Alaimo dá início ao seu artigo com a seguinte questão: “quem é o ‘antro’ do



Antropoceno?”², ou seja, quem é que poderia habitar este nome? (sem página, e-book). Ela argumenta que o “antro” é grande demais, generalizado demais, impossível demais e que, dada a enorme distância que se estabelece entre o conceito e o indivíduo, fica impossível ou pelo menos improvável enxergar com clareza tanto o impacto do humano no mundo quanto as possíveis medidas corretivas. A distância é, dessa forma, “higienizada” do problema em si, e Alaimo acrescenta que é preciso trocar o telescópio pelo microscópio a fim de se parar de enxergar o planeta como um todo (o que nos faz pensar que qualquer tipo de ação no sentido de remediar os impactos antropogênicos na biosfera é impossível) e passar a focar em situações específicas onde ações de reparo parecem possíveis. Donna Haraway também vem questionando o termo desde que ele foi usado pela primeira vez, em 2002, pelos cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer, e sugere alternativas como Capitaloceno (termo desenvolvido, na realidade, primeiramente por Jason W. Moore, 2016) e *Chthulucene*³, um conceito que ela desenvolve com mais profundidade no livro *Staying with the Trouble*, publicado em 2016. A discussão sobre “quem pode habitar” o “humano” do antropocentrismo (podemos brincar que este é “primo” do Antropoceno) não é nova: Haraway, Annie Dillard, Val Plumwood, Gloria Anzaldúa e inúmeras outras autoras e pensadoras já se fazem essa pergunta há pelo menos quatro décadas, mas a discussão vem ganhando tração devido à urgente crise ecológica que se instalou. Nesse contexto, o termo Antropoceno é por vezes entendido não apenas como uma época geológica, mas também, como argumenta Jedediah Purdy em *After Nature* (2015), como sinônimo dos impactos (em andamento) das ações humanas na biosfera, e tem como principal símbolo as mudanças climáticas. A partir deste momento, para fins abreviação, sempre que o termo “mudanças climáticas” for utilizado ele abará todas as preocupações a respeito dos sistemas biofísicos da terra que estão ameaçados ou com efeitos antropogênicos já em curso, são eles: “mudanças climáticas, acidificação dos oceanos, depleção do ozônio estratosférico, uso de água doce, perda da biodiversidade, interferência nos ciclos globais de nitrogênio e fósforo, mudança no uso do

² Cf. o trecho original: “Who is the ‘anthro’ of the Anthropocene?”

³ Para maiores esclarecimentos sobre esse debate, ver *Staying With the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, Londres, 2016.



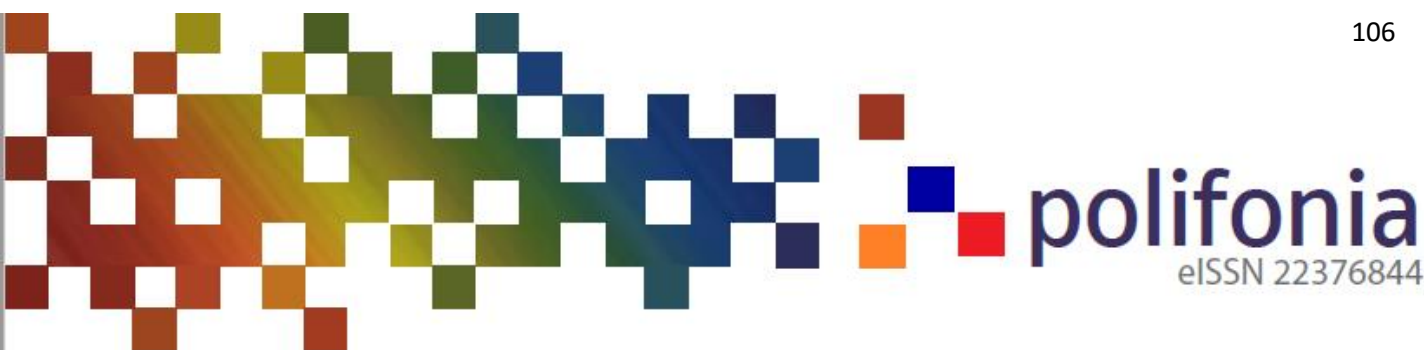
solo, poluição química [e] taxa de aerossóis atmosféricos” (DANOWSKI e DE CASTRO, 2015, P. 20).

2. O papel da literatura para *pensar* formas de desenvolver afinidades no Antropoceno

Uma das formas de trocar o telescópio pelo microscópio é pinçar da literatura tanto reflexões sobre o estado do planeta (e o efeito disso na nossa subjetividade) quanto histórias sobre como estar no mundo de forma a desafiar a lógica hierárquica do excepcionalismo humano, que Haraway define como “a premissa de que a humanidade sozinha *não é* uma rede espacial e temporal de dependências de interespecies” (2008, p. 11, minha ênfase)⁴. Essa “forma de estar no mundo” é ciente da precariedade da situação de humanos e não humanos no presente e no futuro próximo e distante, com a urgência das mudanças climáticas, e se propõe a circular pelo mundo com essa ciência/ética em mente. Zylinska (2016) inicia seu livro *Minimal ethics for the Anthropocene* (ainda não traduzido para o português, mas uma tradução livre seria “Ética mínima para o Antropoceno”) chamando atenção para o fato de que a vida é comumente analisada com maior escrutínio quando parece estar ameaçada. De fato, como coloca Bruno Latour (2017), as notícias ruins parecem infundáveis e se renovam diariamente: “Num dia, são os níveis da água que sobem; no outro, é a erosão do solo; à noite, são as geleiras que degelam cada vez mais rápido”, e acrescenta ainda que, antes de o dia terminar, ficamos sabendo pelo jornal que “milhares de espécies estão prestes a desaparecer antes de terem sido adequadamente identificadas” (e-book)⁵. É desse lugar de incômodo que Zylinska escreve. Por mais que seu livro seja um convite para pensar sobre formas de viver no Antropoceno, ele é também uma narrativa sobre as vidas (humanas e não humanas) que estão ameaçadas de extinção. Zylinska parte do pressuposto de que as histórias que contamos têm natureza performativa, já que encenam/experimentam e não apenas descrevem as coisas das quais versam: histórias são hipóteses sendo testadas. Dessa forma, as

⁴ Cf. o trecho original: “the premise that humanity alone is not a spatial and temporal web of interspecies dependencies”.

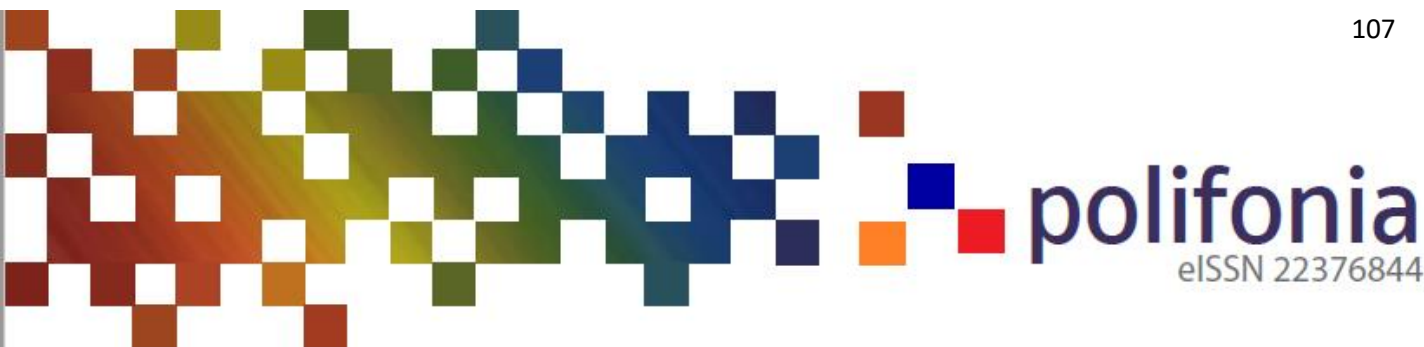
⁵ Cf. o trecho original: “One day, it's rising water levels; the next, it's soil erosion; by evening, it's the glaciers melting faster and faster” e “thousands of species are about to disappear before they have even been properly identified”.



histórias importam (*stories matter*, em inglês) de duas maneiras: elas fazem diferença na construção de mundo(s) e produzem matéria ao orientar a ética individual e coletiva daqueles que abraçam determinadas narrativas. É nas palavras de Haraway que essa ideia fica ainda mais poderosa: “*It matters which stories tell stories, which concepts think concepts*”⁶ (HARAWAY, 2016, p. 101). Isto é, os elementos que utilizamos para contar as histórias que normalizam valores, mesmo que temporariamente, importam (produzem diferença) e se materializam.

Em um convite similar ao de Zylinska, Kate Rigby (2014), em um artigo em que pensa o papel do teórico de ecocrítica diante dos desdobramentos já inevitáveis do aquecimento global, argumenta que é imperativo no momento atual explorar de que formas a literatura pode nos ajudar a pensar sobre a fragilidade do mundo e também como ela pode nos auxiliar no processo de confrontar as já testemunhadas e prováveis catástrofes. É necessário acrescentar que a ideia de “fragilidade”, como explica Rigby, vem da proposta “utópica” de Jonathan Bate que, em 1996, escreveu um artigo chamado “Living with the Weather”, onde argumentava que, com o aquecimento global, *Cold War Criticism* teria que dar espaço ao *Global Warming Criticism* (GWC). Suas análises literárias tinham a intenção de alertar para a fragilidade do clima na esperança, Rigby destaca, de que se pudesse evitar a catástrofe do clima e que a crise fosse prontamente remediada com uma poderosa transformação eco-social. Seria injusto afirmar que prognósticos e contos admonitórios sobre os efeitos antropogênicos no planeta não surtiram nenhum tipo de efeito na corrida pelo “progresso”, pelo crescimento econômico e desenvolvimento desenfreado, mas fica claro que não foi o suficiente. Por mais que um sem-número de ativistas, pensadores, instituições, organizações não-governamentais e muitos líderes (como S. S. Dalai Lama, por exemplo, e Al Gore, também, com o famoso documentário “Uma Verdade Inconveniente”, de 2006, que são muito vocais sobre o tema) tenham feito muitos esforços nesse sentido, as duas grandes potências, China e EUA, não demonstram um refreamento de suas atividades econômicas geradoras de

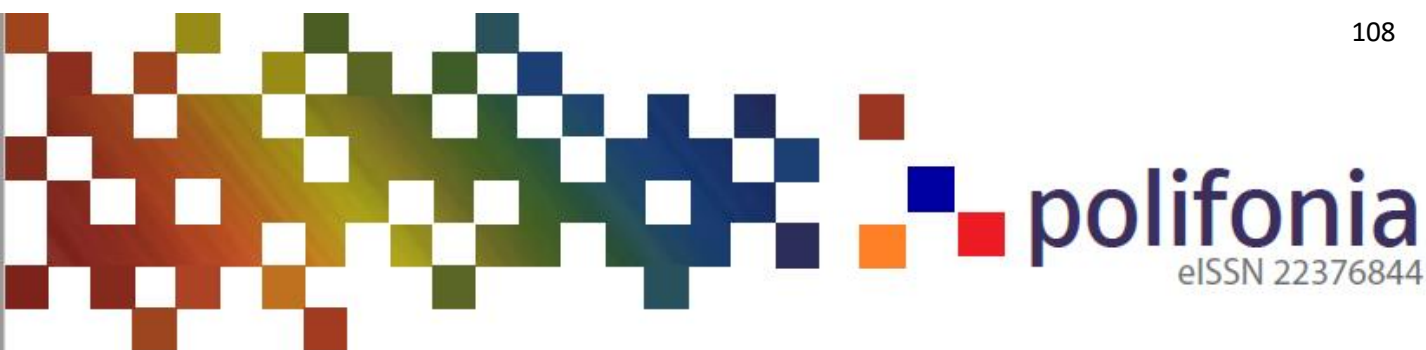
⁶ Minha tradução seria: “Importa quais histórias historicizam histórias, quais conceitos pensam conceitos”, mas explico no texto também que a palavra “matter” quer dizer “importar” e que matéria é feita das histórias que contamos.



crises. Pelo contrário. No primeiro dia da presidência de Donald Trump, sua equipe excluiu praticamente todas as menções às mudanças climáticas do site do governo e ameaçou sair do Acordo de Paris (DAVENPORT, 2017). No encontro de 2019 das Nações Unidas, houve apenas silêncio por parte dos EUA no que diz respeito ao clima. A China, similarmente, não avançou o assunto no sentido de fazer novas promessas para agir contra o aquecimento global (SENGUPTA e FRIEDMAN, 2019).

Dentre os efeitos positivos da crescente conscientização a respeito da urgência da crise climática, encontra-se na literatura uma nova categoria chamada “cli-fi”, entendida como uma literatura que enfatiza as mudanças climáticas e visa a conscientização sobre as questões ambientais. Adeline Johns-Putra (2016) explica que a categoria não é necessariamente “nova”, embora tenha havido um aumento expressivo no número de obras literárias que lidam com as mudanças climáticas, bem como no número de pesquisas acadêmicas que se propõem a analisar o evento das mudanças climáticas como fenômeno cultural (JOHNS-PUTRA, p. 266). O rótulo “cli-fi”, por outro lado, é novo, e seu uso vem se intensificando desde 2011. Johns-Putra é reticente ao usar a palavra “gênero” para descrever a cli-fi, admitindo que as fronteiras que “seguram” os gêneros mudam e crescem com o tempo. Ela propõe, em vez disso, considerar as mudanças climáticas como uma noção e um tema que emerge em diversos gêneros. A área de estudos da crítica cli-fi dentro das teorias críticas e literárias promove a ideia de que “a incerteza e o terreno escorregadio sobre o qual muitos teóricos literários falam há tempos são agora parte de uma condição profunda, ainda que não reconhecida, da nossa existência”, e acrescenta que eles “são agora partes inevitáveis e inegáveis das nossas vidas diárias, graças às mudanças climáticas” (p. 275)⁷. Em outras palavras, as questões que emergiram a partir das mudanças climáticas transformaram problemas existenciais e teóricos em problemas de fato – isto é, problemas que têm sido, há décadas, tomados como problemas marginais que assolam apenas aqueles munidos de uma “consciência ambiental” são agora questões tangíveis que enchem os noticiários e as

⁷ Cf. o trecho original: “the contingency and slipperiness that many literary theorists have long argued are part of a profound but unrecognized condition of our existence are now an unavoidable and undeniable part of our day-to-day lives, thanks to climate change” (p. 275).

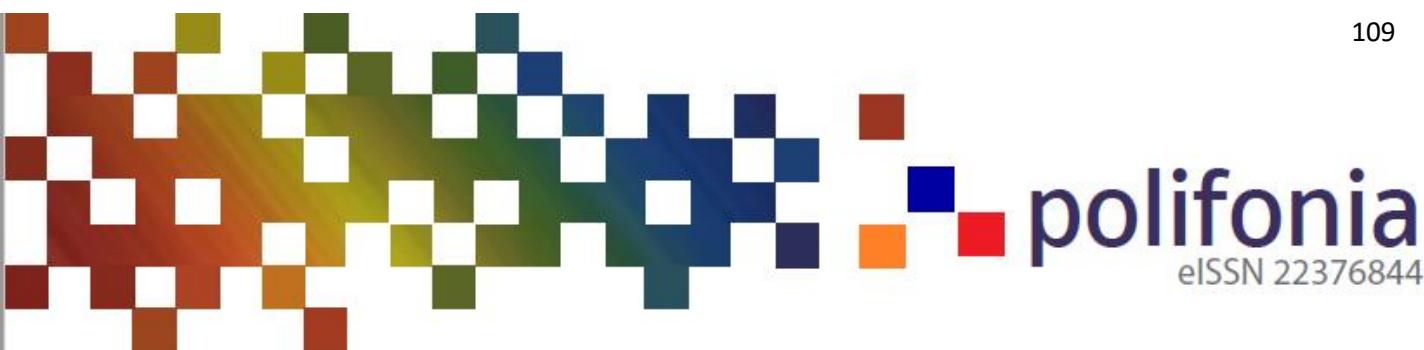


pesquisas acadêmicas. Johns-Putra coloca ainda que “em vez de analisar as mudanças climáticas, alguns teóricos literários usam as mudanças climáticas, juntamente com os insights provenientes das teorias literárias, para examinar a vida contemporânea, a cultura, e os pensamentos vigentes” (p. 275)⁸ e que, assim fazendo, ajudam a discutir os dilemas que surgem no Antropoceno.

A escritora Norte-Americana-Japonesa Ruth Ozeki produz obras literárias que tratam das questões acima expostas. As mudanças climáticas são temas centrais dentro da ficção que ela escreve. Ozeki é autora de três livros de ficção, são eles *My Year of Meats* (1998, *Meu Ano de Carnes* em tradução livre), *All Over Creation* (2003, *A Criação por Toda Parte* em tradução livre) e *A Terra Inteira e o Céu Infinito*; e de um de um longo ensaio, *The Face: A Time Code* (2015). Em cada um deles ela cria narrativas que fazem o que Johns-Putra descreve acima: ela transforma questões existenciais e problemas teóricos em problemas de fato. O primeiro trata do consumo de carne bovina, o segundo é sobre o impacto da Monsanto nas plantações e o terceiro é sobre quão intimamente interconectados estamos num mundo ilusoriamente grande demais e, de fato, pequeno para a proporção dos problemas por nós criados. As histórias de Ozeki trazem, de forma proeminente, preocupações de cunho ambiental e também a respeito da aliança entre humanos (não ligados por laços sanguíneos) e entre não-humanos, proposta que Haraway cunha de “make kin”, ou gerar afetividades, e “oddkin” e que, esta argumenta, é uma ferramenta de suma importância para a época do Antropoceno. *Oddkin* (“laços improváveis”, laços não-sanguíneos com pessoas, não-humanos e coisas) é, e deve ser, Haraway insiste, central para uma abordagem ética que opere fora da mentalidade do excepcionalismo humano. Como a própria Haraway coloca, “criar laços de *oddkin* em vez de, ou pelo menos ‘além de’, laços sanguíneos, genealógicos e biogenéticos coloca em xeque questões importantes, como a ideia de responsabilidade: ‘por quem’ somos responsáveis?” (p. 2)⁹. O prognóstico do Antropoceno implica no comando para agir que, por sua vez, implica que nós, humanos, juntamente com outras espécies, precisamos encontrar

⁸ Cf. o trecho original: “instead of scrutinizing climate change, some literary theorists use climate change, along with the insights of literary theory, to scrutinize contemporary life, culture, and thought” (p. 275).

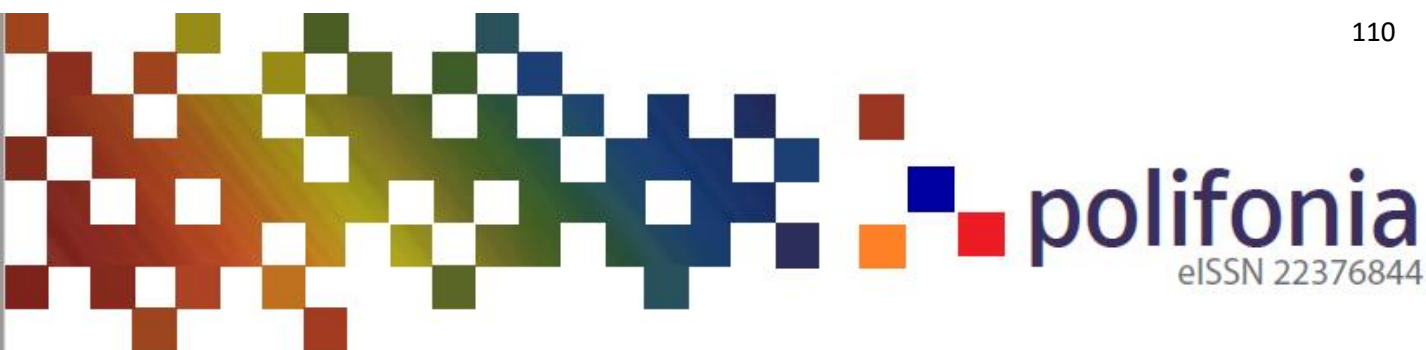
⁹ Cf. o trecho original: “[m]aking kin as oddkin rather than, or at least in addition to, godkin and genealogical and biogenetic family troubles important matters, like to whom one is actually responsible” (p. 2).



abordagens e propostas éticas para continuar vivendo nesta terra e para desacelerar as perturbações causadas a ela para que possamos manter as nossas vidas, assim como as vidas de outros incontáveis seres, como prioridades. A ficção de Ozeki é rica em personagens que acordam para esse comando para agir e que buscam laços de afinidades improváveis com outros humanos e não-humanos e, no processo, desenvolvem abordagens éticas para a vida, abordagens que não são messiânicas e sim minimalistas, mas eficientes. E quando Nao pondera sobre a relação que se estabelecerá entre ela e a leitora uma vez que o diário for encontrado, ela diz o seguinte: “[a] impressão é de que estou esticando o braço para a frente, através do tempo, para tocar em você, e agora que o achou, você está estendendo o braço para me tocar!”, o que pode levar à reflexão de que a literatura é justamente isso: um ser-tempo que nos estende o braço para que algo seja criado a partir daquele contato.

3. A “ética mínima” de Ruth, Oliver e Nao

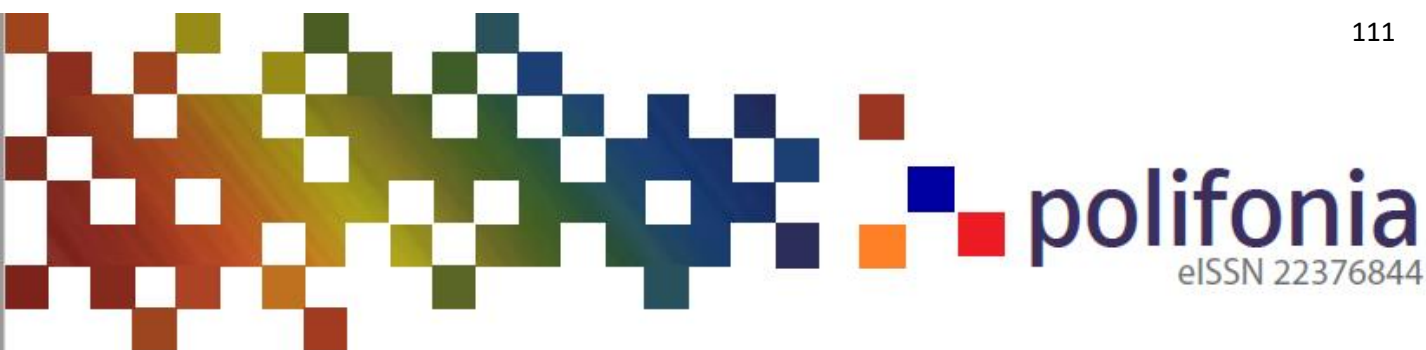
Ruth, Oliver e Nao ilustram possibilidades no que diz respeito a ações diante do cenário já montado de presentes e futuras catástrofes e, principalmente, eles demonstram como tudo está intimamente interconectado: o Japão e a costa Oeste do Canadá trocam artefatos, corvos, algas, radiações e histórias. Oliver é uma espécie de personagem-consciência, alertando o leitor para a magnitude dos impactos do ser humano na terra e também para a insignificância relativa da nossa presença no tempo profundo, o tempo que precede os humanos em milhões de anos. Oliver é o personagem que enuncia as complexidades da atualidade e busca estabelecer um estilo de vida com base na permacultura (quando ele e Ruth se conheceram, Oliver dava cursos de permacultura). Ele é um artista ambientalista que executa projetos públicos e privados em que o objetivo final, enquanto artista, é não deixar vestígios de si. Em sua arte, Oliver cria “intervenções botânicas”, como Ruth explica, que são ambientes urbanos e rurais que desafiam as ideias vigentes de origem e tempo. Um dos projetos que Oliver está executando, chamado “Neoeoceno”, consiste no reflorestamento de uma floresta que foi dizimada por uma madeireira. No projeto, ele está plantando o que chama de “floresta da mudança climática”, mas tem seu trabalho



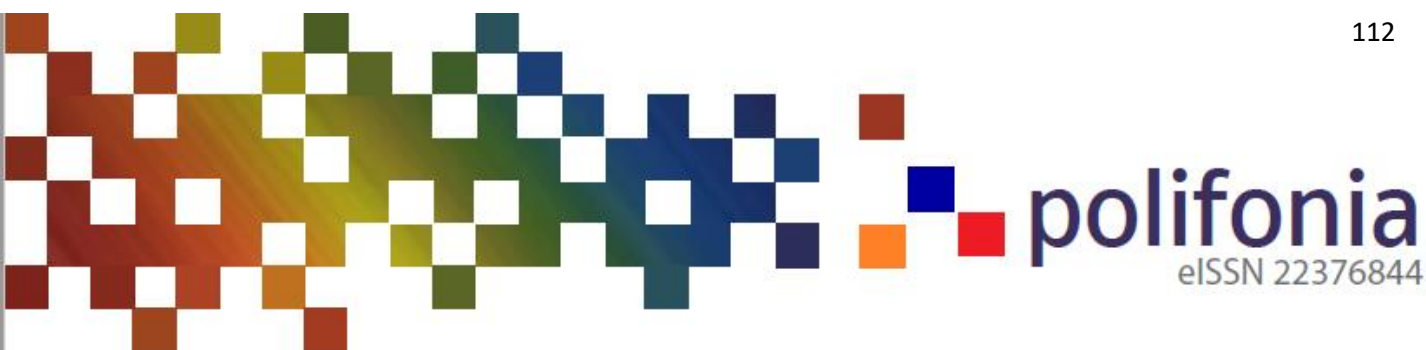
interrompido por questões contratuais: Oliver deve plantar espécies consideradas nativas. “O detentor do contrato quer que eu pare de plantar”, ele explica, mas argumenta que “devido à rápida instauração da mudança climática, temos de redefinir radicalmente o termo ‘nativo’ e expandi-lo para incluir as espécies nativas antigas e até pré-históricas” (e-book). O historiador Dipesh Chakrabarty (2009) aponta que a disciplina da história tem por base a premissa de que, entremeando nosso passado, presente e futuro está a experiência humana como uma continuidade. Em outras palavras, para a história o passado sem o ser humano é do domínio de outras disciplinas, como a geologia e a biologia, que se ocupam com o que ele explica como “história profunda”. Com o novo status do humano que, além de ser biológico é agora também agente geológico capaz de afetar os sistemas biofísicos da terra da mesma maneira que um vulcão, um meteoro ou um terremoto, por exemplo; a história está tendo que se confrontar não apenas com o passado longínquo que é domínio da história profunda mas também com um futuro sem o humano. E a tentativa de olhar para o passado para entender os cataclismos que causaram as cinco extinções em massa que deixaram suas marcas nas rochas como histórias que o mundo físico nos conta é uma forma de pensar sobre a história que estamos contando sobre nós mesmos porque inúmeras pesquisas mostram que o impacto das ações humanas são responsáveis pela sexta extinção em massa que já está em curso¹⁰. O dono do contrato que impede Oliver de continuar sua instalação de quarenta hectares não enxerga o passado longínquo onde categorias como “espécies nativas” deixam de ser entendidas como espécies que pertencem dentro de determinadas fronteiras de tempo e espaço: tempo humano e espaços nacionais.

Ruth explica o projeto de Oliver, argumentando que ele “[p]lantava bosques de nativas antigas – metassequoia, sequoia-gigante, sequoia vermelha, Juglans, Ulmus e ginkgo –, espécies que eram naturais daquela região durante o Máximo Térmico do Eoceno, uns 55 milhões de anos atrás” (e-book). Considerando-se que a história humana como registro data de cerca de 10 mil anos atrás (CHAKRABARTY, 2009) e que o Eoceno ocorreu há 55 milhões de anos, faz-se necessário dar um passo atrás e tentar compreender o que

¹⁰ Para maiores detalhes sobre a sexta extinção em massa, ver: *Há mundo por vir?*, de Eduardo Viveiros de Castro e Débora Danowski, 2015.

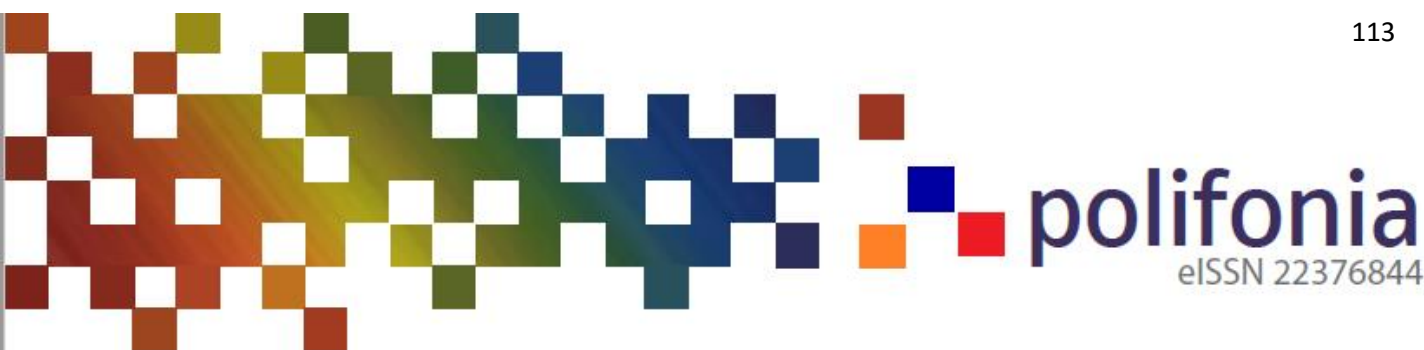


significa “nativo” fora da história do humano. E o que é cativante a respeito de como Oliver enxerga a sua arte e até mesmo os efeitos das ações humana na natureza é que ele abraça o conceito de tempo como remédio para qualquer traço e impacto humano que possam ser negativos. Aqui, a palavra “negativo” tem um sentido bem específico: ela se refere a efeitos antropogênicos que resultam na extinção de espécies, incluindo a nossa. Em outras palavras, as notícias são ruins para os humanos e para as outras espécies, mas a terra continuará a despeito do que vier a ocorrer, e Oliver compreende isso. Descrevendo o experimento do Neoeoceno, Ruth explica que nele Oliver intenta uma “colaboração com o tempo e o espaço, cujo resultado nem [Oliver] nem nenhum de seus contemporâneos viveriam para testemunhar”, acrescentando que não testemunhar o resultado não era o seu interesse e que “[a] paciência era parte de sua natureza, e ele aceitava seu destino de mamífero efêmero” (e-book). Enquanto artista, Oliver considera um projeto triunfante quando sua presença não é mais visível, “quando todo traço de planejamento e habilidade humana desaparece depois de anos de colheita e novas floradas, quando as pessoas começam a vê-lo como uma parte integrante do ambiente”, argumentando ainda que “[u]ma transformação aconteceu. Ele é o novo normal, é simplesmente como as coisas são” (e-book). É esse “novo normal” que Zylinksa busca estabilizar com histórias que invertem a lógica do excepcionalismo humano e apontam como insensato qualquer entendimento do mundo em que o humano vive isolado de outras espécies e da natureza. Como diz Ruth quando chega em sua casa em Whaletown pela primeira vez e se vê diante das árvores da propriedade, bordos e cedros gigantes, enquanto lágrimas escorrem em seu rosto, “[n]ós não somos nada [...] Nós mal estamos aqui”; ao que Oliver responde, sobre as árvores: “Não é uma maravilha? E elas podem viver uns mil anos” (e-book). Dessa compreensão pode brotar um sentimento de humildade capaz de reverter a lógica hierárquica que coloca humanos (cultura) contra a natureza e os faz responsáveis por domar o “estado caótico” da natureza, como postulava Thomas Hobbes no século XVII (CLARK, 2014). O que Oliver faz é estabelecer uma afinidade improvável (*oddkin*) com as plantas e árvores que se entende profunda: desempenhar um papel no florescimento de uma floresta urbana ou rural lhe basta.



Nao, em seu diário, conta das habilidades que desenvolve no mosteiro de sua bisavó, onde passa as férias escolares num arranjo feito por Jiko e pelos pais de Nao, que temem pela filha após a temporada de aulas num ambiente escolar hostil. Nao sofre desde xingamentos a pequenas mutilações corporais e chega ao ponto de presenciar seu próprio funeral, que foi organizado pelos colegas. Eles a matam de forma simbólica. Jiko, em resposta às questões físicas e emocionais decorrentes do bullying, da mudança dos EUA para o Japão, das tentativas de suicídio do pai, da preocupação com as mudanças climáticas, entre outras coisas que assolam Nao, propõe transmitir um superpoder (supapawa! em seu sotaque japonês) à bisneta. O superpoder que é a meditação, que no zen é chamada de zazen. “Jiko disse que a meditação zazen provavelmente não curaria todas as minhas síndromes e tendências, mas me ensinaria a não ser tão obcecada por elas”, Nao explica, mas além da meditação há toda uma ética budista que desperta a curiosidade e o interesse da adolescente e que a leva a expandir o seu repertório sobre formas de estar no mundo. Nos primeiros dias no templo, Nao se espantava e divertia com os rituais da bisavó, que agradecia às fezes pela purificação e desejava o mesmo a todos os seres, agradecia ao banho pela limpeza que promovia e aspirava que todos pudessem se sentir limpos e realizava pequenos funerais para qualquer lixo que se produzisse a partir das atividades diárias (todas as sacolas plásticas que chegassem ao templo eram lavadas e reutilizadas até que não fosse mais possível dar um uso a elas).

Nao se contagia por essa atmosfera de profunda gratidão por todas as coisas e, embora sua reação inicial tenha sido de rejeitar recitar as pequenas preces, conhecidas como gathas, explica que “quando você está rodeado de pessoas que são sempre supergratas e valorizam as coisas e dizem obrigado, a mania acaba pegando, e um dia, depois de dar descarga, me virei para o vaso e disse ‘Obrigada, vaso’, e minha atitude pareceu natural” (e-book). Algo se normaliza dentro de Nao a partir de uma experiência no templo, mas ela adverte que uma coisa é fazer isso no templo, outra coisa no banheiro da escola, onde ela correrá o risco de ser afogada no vaso por seus colegas. Jiko, porém, atenta para o fato de que basta sentir gratidão. “Não é preciso fazer estardalhaço”, ela acrescenta. Um dia, depois de muitos dias de prática de zazen e contemplando o ensinamento praticado pela bisavó de que não se deve matar nenhum ser vivo, Nao tem um insight. Quando chegou no templo, a primeira coisa que a

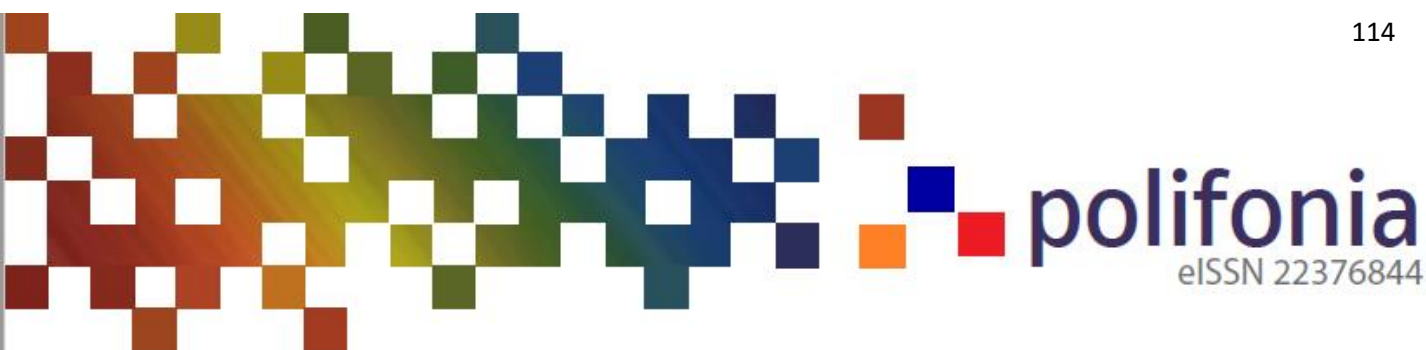


atordoou foi um inseto barulhento que fez o seu cérebro latejar. Passou a acostumar-se às picadas, que no início inchavam sua pele de tantas que eram, mas descreve que

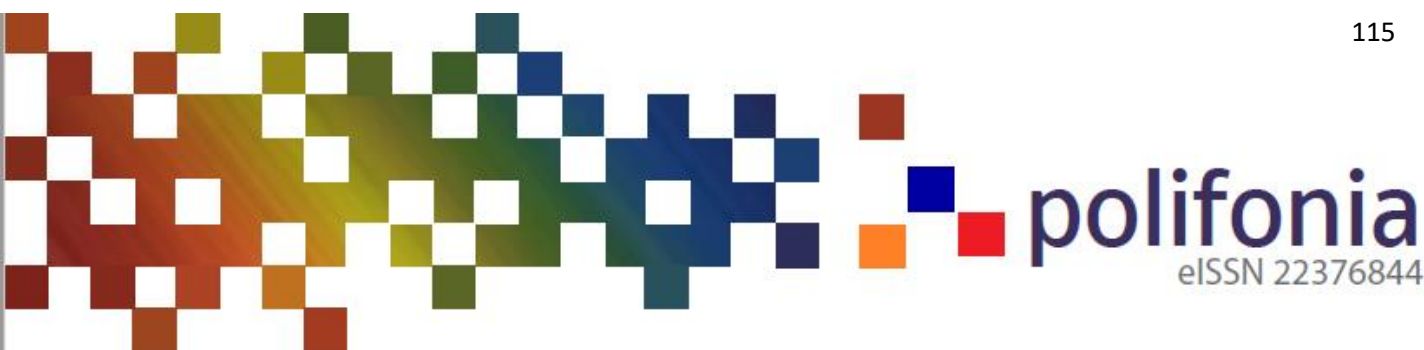
[A]os poucos meu sangue e minha pele foram ficando mais duros e imunes ao veneno deles e eu deixei de ficar toda empelotada, por mais que continuasse sendo picada. E logo já não havia mais diferença entre mim e os mosquitos. Minha pele já não era um muro nos separando, e o meu sangue passou a ser o sangue deles” (e-book).

No episódio descrito acima, Nao experimenta a fluidez das fronteiras e os impactos bilaterais de todas as relações. Inclusive, nem a própria prática do zazen é mais importante do que passar horas a fio organizando, limpando e reaproveitando o que para muitos é lixo. Nao descreve a vida no templo como um lugar que existe numa época outra, com outra velocidade. “Muji e Jiko nunca jogam nada no lixo. Cada elástico ou pedacinho de arame para fechar embalagens, cada pedaço de barbante ou papel ou retalho de tecido, elas guardam cuidadosamente para reutilizar”, Nao explica, acrescentando que “Muji tem uma fixação pelas sacolas de plástico: ela me fazia lavar todas com o maior cuidado usando água e sabão e depois pendurar para secar do lado de fora”. A adolescente tenta explicar às duas que seria mais simples se desfazer das sacolas e comprar novas para sobrar mais tempo para a prática do zazen, mas Jiko recusa a sugestão e responde: “[f]azer zazen, lavar sacola plástica, mesma coisa” (e-book), sugerindo que a prática e a vida ética são sinônimas. Em outras palavras, elas estão falando sobre o que Greta Gaard, no artigo *Mindful New Materialisms* (2014), descreve como “originação dependente”, que é o conceito budista que compreende que nenhuma entidade (biológica ou não) existe de forma separada dos outros seres e coisas, uma lógica que vai na contramão do excepcionalismo humano.

O papel de Ruth na história é um pouco diferente. Ruth é a ponte que conecta o Japão ao Canadá, já que é de origem Japonesa, viveu por alguns anos no Japão e estabelece uma profunda afinidade improvável com Nao e sua família. Ela também é a personagem que resgata registros históricos para que não apaguemos aquilo que é desconfortável e que macula a ideia que um país tem de si. Ruth encontra a lancheira da Hello Kitty defronte a uma casa que ela chama de Jap Ranch. Ruth é a única pessoa que se refere dessa forma à casa, que é agora ocupada por um casal de alemães idosos. No período da Segunda Guerra, uma família



japonesa morava lá e eles se viram obrigados a vender tudo quando foram “internados”, um eufemismo para o que realmente aconteceu. Durante a guerra, campos de concentração foram criados na América do Norte e neles japoneses, muitos dos quais já eram cidadãos norte-americanos, ficaram encarcerados até 1948. Quando Ruth ficou sabendo do apelido “oculto” da propriedade, insistia em utilizá-lo porque “era importante não deixar que a tentativa New Age de ser politicamente correto apagasse a história da ilha”, ela explica. Enquanto Ruth insiste que a violência para com os japoneses no Canadá não deve ser apagada, Jiko insiste que os japoneses são “um povo moldado pela guerra e pelo passado, e que [eles deveriam] entender isso melhor” (e-book). A esse comentário de Jiko pode se somar o de seu neto, Haruki no 2, que, em e-mail para o amigo psicólogo (com quem Ruth estabelece contato para saber do paradeiro da família Yasutani) escreve que os japoneses aprendem na escola que coisas como a destruição de Hiroshima e Nagasaki, com a detonação de bombas atômicas, foi terrível e traumatizante, mas que algo diferente se configura quando se estuda sobre as violências tenebrosas cometidas pelo exército japonês na Manchúria, por exemplo. Haruki explica que o governo japonês com frequência tenta “mudar os livros didáticos para que [...] casos de genocídio e tortura não sejam ensinados às próximas gerações”, argumentando que o objetivo último de alterar a história é apagar a vergonha que brota ao se entrar em contato com ela. Para não se deixar esquecer, Ruth, a escritora, fornece nas palavras de Haruki no 1 (em seu diário secreto) exemplos de atrocidades cometidas na China, sobre como velhinhas eram violentadas e, ao pedirem para que seus netos e netas fossem poupados, soldados japoneses “jogavam os bebês para o alto e [atravessavam] seus corpos com as baionetas” (e-book), e também sobre como quando soldados japoneses eram “transformados em homens” com missões tão grotescas de tortura que mesmo na posição de torturadores eles defecavam nas próprias vestimentas. A violência, fica claro a partir da ideia de “originação dependente”, nunca é apenas contra a vítima: ela sempre afeta a todos os envolvidos. Mas é importante ressaltar que Ruth não se restringe ao Canadá, EUA e Japão. Ela traz diversas histórias de colonizadores violentos e ambiciosos no Canadá, de guerras intertribais terríveis que, em outras palavras, sugerem que temos, coletivamente, uma história muito violenta que nos precede. São essas as histórias que queremos continuar contando?, ela parece perguntar.

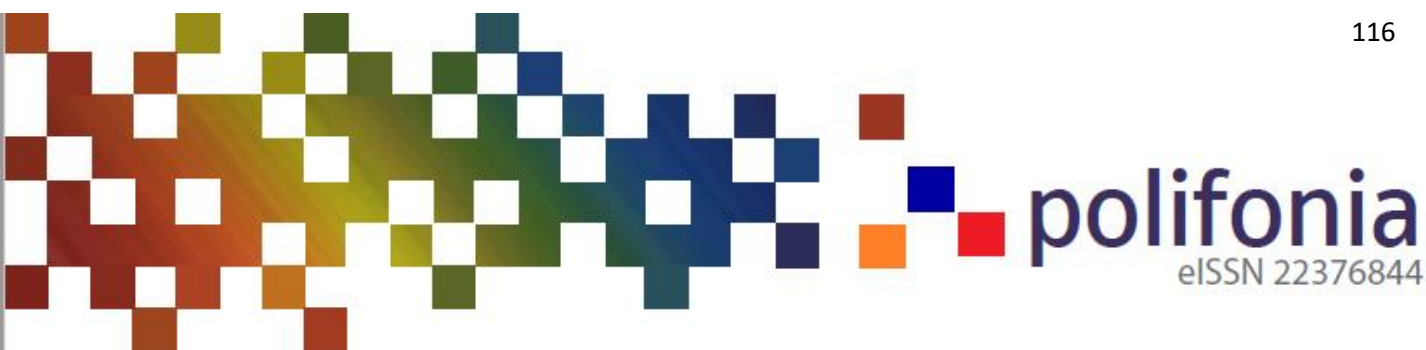


A questão de como chegamos ao ponto de chamar uma época de Antropoceno, tamanho é o impacto humano na biosfera, é um pouco similar aos exemplos que explorei agora de Ruth, Jiko e Haruki no 2. Tentar encontrar saídas para as mudanças climáticas sem confrontar o que está na raiz do problema, que é uma lógica de excepcionalismo humano que forja uma falsa escala hierárquica entre humanos e não-humanos que, em última instância, serve de modelo para oprimir não apenas não-humanos mas também humanos com base em cor, gênero, classe, capacitismo e nacionalidade, é a lógica contra a qual Haruki no 1 luta ao não jogar seu avião contra um navio americano, forçadamente identificado como “inimigo”. Como explica a velha Jiko, “Haruki nunca odiou os americanos [...]”. Odiava a ideia de ter que matar pessoas as quais não era capaz de odiar”. Quando Haruki finalmente é comunicado que sua missão será no dia seguinte, ele escreve o seguinte para a velha Jiko:

O que tenho para lhe contar agora não pode ser registrado em qualquer documento que possa ser lido ou interceptado. A minha decisão está tomada. Amanhã de manhã eu amarrarei a faixa com a insígnia do Sol Nascente à minha testa e voarei rumo ao Sul até Okinawa, onde darei a vida pelo meu país. Sempre acreditei que esta guerra era um erro. Sempre nutri desprezo pela ganância capitalista e pela arrogância imperialista que fomentaram o conflito. E agora, sabendo de tudo o que sei sobre a depravação nos campos de batalha, estou determinado a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para desviar o avião do alvo e deixá-lo cair no mar.

É melhor travar minha batalha contra as ondas, que talvez um dia ainda possam me perdoar (e-book).

Haruki no 1 se recusa a abraçar a lógica violenta do conflito e, ao fazê-lo, se posiciona explicitamente contra o capitalismo, contra o imperialismo e simbolicamente contra a lógica do excepcionalismo humano. Haruki, mesmo sem sequer entrar em contato com um americano, estabelece uma afinidade improvável do tipo que julga inaceitável enxergar vitória na derrocada do outro. Nem mesmo as ondas ele enxerga como uma opção saudável para lançar seu avião contra, mas é a solução que ele encontra para criar uma alternativa fora, e ainda assim possível, do que lhe é imposto. E, nesse sentido, esta é justamente a lógica que nos leva a precisar chamar uma época de Antropoceno, uma época em que vidas humanas e não-humanas estão em risco ou já extintas e para a qual, alguns erroneamente acreditam, encontraremos uma solução simples, uma chamada “*technofix*” (solução tecnológica) que nos permita não mudar profundamente a nossa forma de estar no mundo. Como explica Nigel

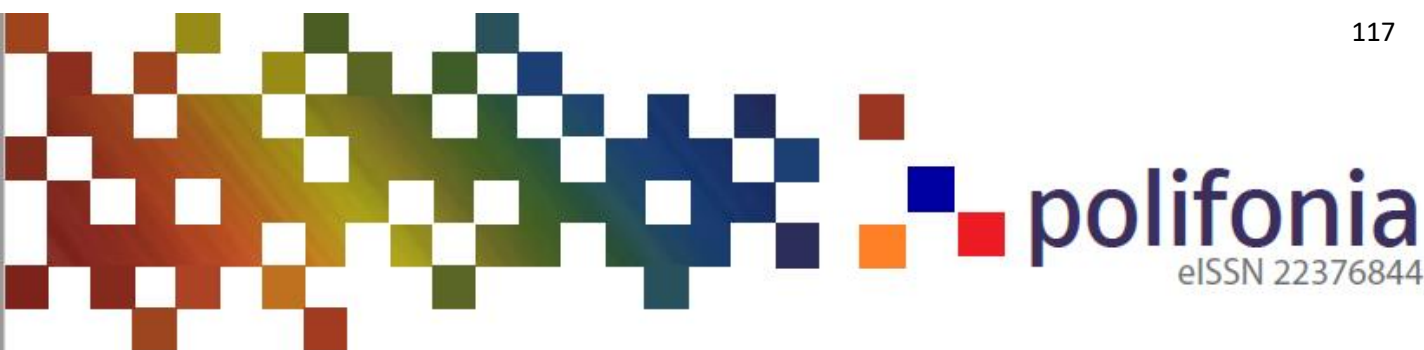


Clark (2014), até mesmo aqueles desenvolvendo pesquisa em geoengenharia argumentam que qualquer espécie de *technofix* deveria ser a última opção e que o melhor cenário, aquele que nos permitiria ter chances de reduzir os impactos das já anunciadas catástrofes, é o de reduzir drasticamente a emissão de gases de efeito estufa. Até mesmo porque não se sabe se o efeito de qualquer *technofix* será aquele para o qual foi projetado. E Ruth, quando troca Nova Iorque por Whaletown em busca de uma vida mais saudável e menos economicamente custosa, sofre profundamente a perda que todos nós também estamos sofrendo: a ideia de que a vida tem que ser diferente para que possamos continuar, todos, num mundo que insistimos em destruir.

4. Considerações Finais: O que é possível fazer?

Uma noite, ao se despedir de Nao, a velha Jiko lhe diz que “[a] vida é cheia de histórias. Ou talvez a vida sejam só histórias” (e-book). De uma certa forma, a humanidade é Haruki no 1, conduzindo um avião em direção à morte certa no presente curso de “negócios como sempre”. Porém, partindo da reflexão de Zylinska, diante da escolha sobre como conduzir o presente e do ato de escolha de Haruki, que tipo de morte queremos e podemos construir? Essa reflexão está intimamente relacionada à fala de Jiko: talvez tenhamos de fato só histórias, histórias que servem de ferramentas para construir presentes e futuros e, se soubermos fazer bom uso das estórias/histórias do passado, quem sabe isso sirva também para encontrar uma forma de estar no mundo que não nos leve a construir uma versão dele sem nós e sem outras espécies que o compartilham conosco.

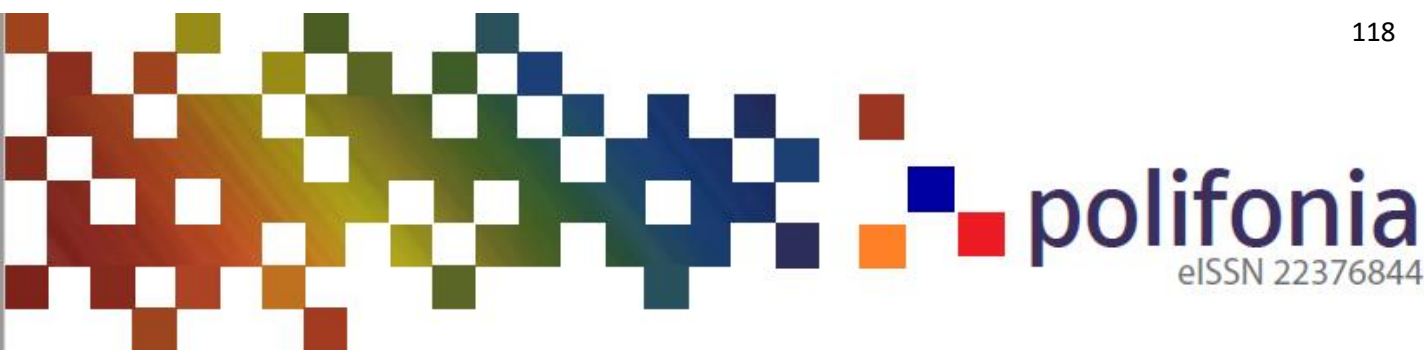
Todas as personagens do livro têm uma espécie de contribuição no que diz respeito a ideias que vão na contramão do excepcionalismo humano. Elas se entendem seres-tempo interagindo com outros seres-tempos que, quando humanos, não compartilham de laços sanguíneos (Ruth e Oliver com Nao; Haruki no 1 com seus “inimigos”) e, quando não-humanos, são tão ou mais importantes que nós, como quando Ruth vê as árvores de Whaletown pela primeira vez, chora e diz: “[n]ós não somos nada, [...] Nós mal estamos aqui”. Mas não há no livro uma resposta nem uma receita para estar no mundo de forma menos predatória e hierárquica, há apenas ideias que podem dar início a uma normalização



temporária de alguns valores éticos que podem nos ser úteis no Antropoceno. Como dito anteriormente, pensando a partir do convite de Zylinska e de Alaimo, a intenção não é messiânica como são os discursos que levam soldados à guerra; é minimalista e contínua, e portanto não-violenta e não-hierárquica. À ideia de Zylinska e de Haraway é possível unir uma metáfora pensada a partir do avião de Haruki no 1: nele devem caber todos os humanos e não-humanos e a morte certa pode ser evitada com uma série de escolhas. Para mudar a história possível, podemos abraçar histórias outras que não a do excepcionalismo humano, histórias que celebram associações estranhas, afinidades improváveis e recusas de práticas violentas, assim como os Haruki 1 e 2, Jiko, Oliver e Ruth. Podemos tentar ser como Nao, aprendendo a navegar um mundo como o do templo de Jiko, onde dizer “obrigada” até mesmo aos nossos dejetos e à água do banho não é estranho. Está normalizado, já faz parte do óbvio. E pode até ser legal.

Referências

- CHAKRABARTY, Dipesh. “The Climate of History: Four Theses”. *Critical Inquiry*, Vol. 35, No. 2 (Winter 2009), p. 197-222.
- CLARK, Timothy. “Nature, Post Nature”. *The Cambridge Companion to Literature and the Environment*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- CLARK, Nigel. “Geo-politics and the disaster of the Anthropocene”. *The Sociological Review*, 62:S1, pp. 19–37, 2014.
- DANOWSKI, Déborah; DE CASTRO, Eduardo Viveiros. *Há Mundo por Vir? Ensaio Sobre os Medos e os Fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2015.
- DAVENPORT, Coral. With Trump in Charge, Climate Change References Purged from Site. *The New York Times*. New York, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/01/20/us/politics/trump-white-house-website.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- GAARD, Greta. “Mindful New Materialisms: Buddhist Roots for Material Ecocriticism’s Flourishing”. In: IOVINO, S., OPPERMAN, S. (Orgs.) *Material Ecocriticism*. Indiana: Indiana UP, 2014.



HARAWAY, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Anthropocene*. London: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, J. Donna. "Otherwordly conversations, Terran Topics, Local Terms." In: ALAIMO, S., HEKMAN, S. (Orgs.) *Material Feminisms*. Indiana: Indiana UP, 2008.

JOHNS-PUTRA, Adeline. "Climate change in literature and literary studies: From cli-fi, climate change theater and ecopoetry to ecocriticism and climate change criticism". In: *WIREs Clim Change*, n 7, p.266–p.282, 2016.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. *Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime*. Polity Press, 2017.

OZEKI, Ruth. *A Terra Inteira e o Céu Infinito*. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2013.

PURDY, Jedehiah. *After Nature: A Politics for the Anthropocene*. Cambridge: Harvard UP, 2015.

RIGBY, Kate. "Confronting Catastrophe: Ecocriticism in a Warming World". In: WESTLING, L. (Org.) *The Cambridge Companion to Literature and the Environment*. New York: Cambridge University Press, 2014.

SENGUPTA, Somini; FRIEDMAN, Lisa. At U.N. Climate Summit, Few Commitments and U.S. Silence. The New York Times. New York, 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/09/23/climate/climate-summit-global-warming.html?searchResultPosition=1>> Acesso em 10 out. 2019.

ZALASIEWICZ, J., et al. "When did the Anthropocene begin? A mid-twentieth century boundary level is stratigraphically optimal". *Quaternary International*, p. 1-8, 2014.

ZYLINSKA, Joanna. *Minimal Ethics for the Anthropocene*. Open Humanities Press, 2014.